Maiores importadores

ESTADOS UNIDOS: Maior importador. As compras externas, principalmente do Uruguai e Canadá, depois de crescer 22% em 2004, deverão registrar aumento de 2%. A produção cresce 45%, mas fica inferior à de 2003.

RÚSSIA: O rebanho está se reduzindo nos últimos dez anos, e não há perspectiva de se reverter essa tendência. Devido ao sistema de corte, os exportadores priorizam as vendas dos cortes desossados, de maior valor agregado.

UNIÃO EUROPÉIA: Enquanto as importações crescem em 13%, para 550 mil toneladas, as exportações caem 14% , para 300 mil toneladas, face à menor produção e às menores vendas para a Rússia.

JAPÃO: Importações praticamente estabilizadas e 23% inferiores aos níveis de 2003, quando foram impostas proibições às carnes dos EUA.

CORÉIA DO SUL: Compras 52% abaixo de 2003. Importações da Nova Zelândia e Austrália cresceram, respectivamente, em 725% e 29%, em 2004.

res dão ao status sanitário, em decorrência do mal da vaca louca e da febre aftosa, mudou o fluxo dos produtos.

Para o Mercosul, as perspectivas de crescimento significativo nas exportações compensam a escassez interna experimentada por alguns países importadores da União Européia. Austrália e Nova Zelândia, que atendiam ao continente europeu, dirigem seus embarques para o Japão e a Coréia, diante da falta de suprimento do seu tradicional fornecedor, os Estados Unidos

Em 2000, a Austrália era o primeiro exportador mundial de carne bovina, seguido pelos EUA. Depois de cinco anos, o Brasil assumiu a liderança da exportação. A Austrália foi para o segundo posto, enquanto a Argentina aparece em terceiro lugar.

O consumo dos principais países importadores aumentará menos de 2% neste ano, para chegar a 50,4 milhões de toneladas, um volume levemente acima do recorde verificado em 2002, de 50,3 milhões de toneladas. Muitos países retraem o consumo em razão da menor oferta, mesmo com demanda firme, o que provoca alta nos preços.

Riscos na adubação de pastagens

Uma questão que envolve a sustentabilidade da pecuária de corte na região do cerrado

GERALDO B. MARTHA JÚNIOR, LOURIVAL VILELA, DJALMA M. G. SOUSA, ALEXANDRE O. BARCELLOS*

A pecuária de corte vive um momento difícil, com aumento nos custos de produção em magnitude maior do que a valorização dos produtos da atividade. Esta situação evoluiu ao longo dos últimos anos. No período de 1991 a 2004, enquanto o poder de compra das lavouras subiu, na pecuária de corte, houve redução.

A deterioração nos termos de troca da pecuária resulta da alta no preço dos insumos e da não valorização proporcional nos preços do bezerro e do boi gordo. Tal situação é explicada pelo fato de o mercado majoritário da carne bovina ser o interno e porque seu preço, neste mercado, é limitado pela oferta de carne de frango e suína. Nesse cenário, os investimentos em tecnologia são desestimulados pela baixa rentabilidade, porém, a adoção de tecnologia é etapa fundamental para fortalecer a economia da pecuária de corte. Há muito espaço para crescer: no caso da recria-engorda, por exemplo, a produtividade média está estagnada ao redor de 3,0 a 3,5 @/ha/ano, para um potencial de, no mínimo, dez vezes mais.

Além de termos de troca desfavoráveis e baixos ganhos em produtividade, a rentabilidade e a competitividade da pecuária de corte são afetadas pela pressão exercida no uso da terra, por outras alternativas agrícolas e também pelas variáveis macroeconômicas.

A recente expansão das lavouras, em especial, das culturas da soja e da cana-de-açúcar, no Cerrado, principal Região de produção de grãos e de carne bovina do País, gera demanda pela terra, que teve valorização em relação ao boi. Antes do aumento na cotação de soja, a partir da safra de 2001/2002, o arrendamento mensal de uma área de pasto, para uma cabeça, valia cerca de 10% a 12% do preço da arroba do boi. Atualmente, o valor de referência é de 20% e, em algumas regiões, conforme a época do ano, chega a atingir 25% da arroba do boi gordo.

O pecuarista tem limitada influência sobre a determinação dos preços do produto, tendo em vista o caráter de concorrência perfeita da atividade e o "ancoramento" de preços exercido pela carne de frango e suína. Assim, a única alternativa para melhorar o poder de compra e as relações de troca da atividade é por meio de ganhos em produtividade. A combinação de inflação estabilizada com altas taxas de juro real e a valorização cambial diminuem o preço dos ativos

Eficiência bio-econômica da adubação

1. Lavouras de grãos:
• razão entre quilo do nutriente aplicado por tonelada de grão
• relação de troca entre preços de insumos e produtos

2. Em pastagens:
• razão entre quilo de massa seca (MS) de forragem por quilo de nutriente aplicado

3. Na produção animal:
• conversão do nutriente do fertilizante em forragem
• eficiência de pastejo
• conversão da forragem em produto animal (quilo de MS por quilo de ganho de peso vivo -GPV).

imóveis, e, portanto, desestimulam a adoção da pecuária como reserva de capital.

Diversas tecnologias podem ser adotadas na fazenda para reduzir os custos médios de produção. Entretanto, em razão da baixa fertilidade química dos solos vegetados por pastagens e da exigência em nutrientes das plantas forrageiras, na intensificação dos sistemas de produção animal em pastejo, se deve considerar, obrigatoriamente, investimentos em fertilizantes. As adubações, por aumentarem a produção e, por vezes, a qualidade da forragem, atuam positivamente sobre os dois determinantes primários da produtividade animal em pastagens: a taxa de lotação e o desempenho dos animais.

O resultado econômico do uso de fertilizantes em sistemas pastoris depende do aumento adicional na quantidade de produto (carne, bezerro, leite) no sistema passível de comercialização, em resposta à adubação, porque o pasto é uma commodity de difícil valoração e, portanto, seu valor, como alimento, depende da sua capacidade de gerar desempenho animal.

Além disso, o valor da forragem extra, produzida pela adubação, depende do perfil de cada sistema de produção, que reflete o produto animal comercializável (bezerro, garrote, tourinho, arroba do boi gordo etc.) e o valor correspondente desse produto no mercado.

Outro fator, que complica a valoração da forragem produzida pela adubação, diz respeito à época do ano da sua produção. O maior volume obtido pelo uso de adubação, em épocas em que, normalmente, já existe excedente na produção, deve ser acompanhado pelo aumento da taxa de lotação e por seu aproveitamento quando há escassez de alimentos. Caso contrário, a adubação aumenta o desperdício de forragem na propriedade.

O uso intensivo de fertilizantes em sistemas pastoris aumenta a necessidade de investimentos na aquisição de animais, de insumos (outros fertilizantes, vacinas, vermífugos, suplementos minerais etc.), e, por vezes, de infra-estrutura, para permitir o manejo eficiente da pastagem e garantir ganhos marginais condizentes.

A primeira meta econômica a ser atingida em sistemas de produção animal a pasto, com uso de fertilizantes, deve ser pagar o custo dos insumos necessários para sustentar a maior taxa de lotação obtida na fazenda.

Na pecuária, como o tempo de retorno do capital investido é maior do que na agricultura de grãos, investimentos elevados no processo de intensificação do uso de fertilizantes em sistemas pastoris (animais, insumos e infra-estrutura) podem gerar fluxos de caixa pouco positivos, ou até mesmo negativos, nos primeiros anos depois da implantação do projeto.

Em diversas propriedades da Região do Cerrado, embora o projeto de intensificação no uso de fertilizantes indique viabilidade econômica, a redução no fluxo de caixa gerada pelos investimentos em animais, fertilizantes e outros insumos e em infra-estrutura é incompatível com a realidade da fazenda.

Como há riscos de problemas financeiros e de solvência, o fazendeiro toma a decisão de reduzir gastos com fertilizantes para saldar suas dívidas e para garantir seu custeio. Isso pode melhorar a viabilidade financeira apenas em curto prazo, porém, em médio e longo prazo, pode comprometer a viabilidade econômica e restabelecer a inviabilidade financeira. Em casos extremos, o pecuarista é forçado a se desfazer de seu patrimônio para corrigir falhas não detectadas no projeto inicial do empreendimento.

A explicação, em grande parte, do uso limitado de fertilizantes em pastagens decorre do fato de seu resultado bio-econômico depender:

1. Dos riscos e das incertezas inerentes aos processos biológicos (respostas do pasto e do animal ao insumo);
2. Das condições econômicas às quais o negócio está submetido (relação de preços entre insumos e produtos, taxa de juros de empréstimos bancários etc.).

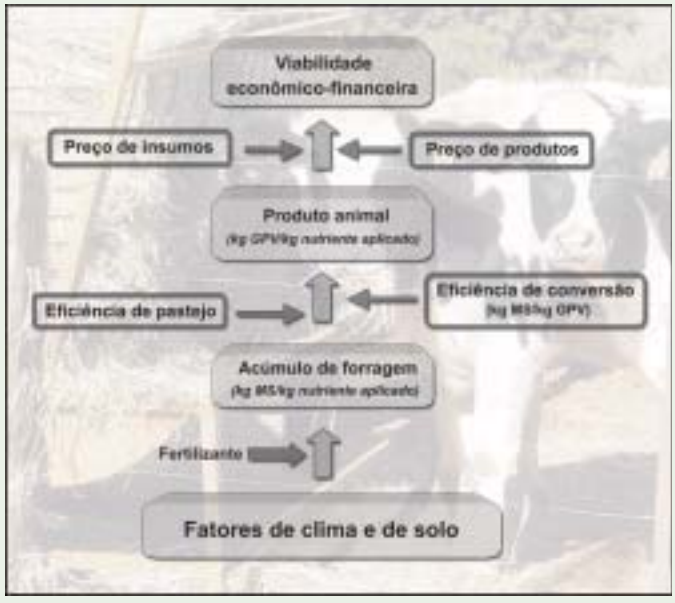
Na verdade, a estratégia de intensificação do uso de fertilizantes em pastagens varia de acordo com a região e interfere nas metas de produtividade do sistema de produção, que é fortemente influenciada pelos termos de troca de uma dada região, em curto prazo. Variações substanciais nos preços relativos dos fatores podem inviabilizar a adoção de tecnologias mais intensivas em capital na pecuária. Dadas as condições econômicas nas áreas de fronteira, com expectativa de valorização patrimonial, muitas vezes, pode ser mais interessante adquirir mais terras do que intensificar as áreas já em produção.

Por fim, é importante destacar que o sucesso econômico do empreendimento de pecuária a pasto depende, sobremaneira, do manejo eficiente dos recursos da fazenda e da gestão eficiente do sistema de produção, o que exige esforços para aprimorar o planejamento, a implementação e o controle de propostas viáveis no âmbito técnico, econômico e financeiro. Tal constatação implica em maiores cuidados com a gestão do negócio, uma vez que a incorporação não planejada de tecnologias no sistema de produção fica sujeita a riscos de vulto considerável. ■

Brasil: índice dos termos de troca, de produtividade e do poder de compra da agropecuária

Período	Termos de troca	Produtividade	Poder de compra
		Agropecuária[1]	
1991	100	100	100
2004	86	146	125
		Lavouras	
1991	100	100	100
2004	98	167	164
		Pecuária de corte	
1991	100	100	100
2004	79	117	93

[1]Principais lavouras do País - arroz, algodão, café, cana, feijão, laranja, milho, soja e trigo - e produtos animais - carne bovina, suína e de frango, leite e ovos.
Fonte: A.L.M. Barros et al. (2004). In: Pecuária de Corte Intensiva nos Trópicos, Piracicaba: Fealq, 2004.



Principais componentes e interações da eficiência bioeconômica da adubação de pastagens.
Fonte: adaptado de G. B. Martha Júnior et al. (2004). In: Simpósio sobre Manejo da Pastagem, 21 - Fertilidade do Solo para pastagens Produtivas. Piracicaba: Fealq, 2004.

*Pesquisadores da Embrapa Cerrados.